

A difícil convivência com o ônus da fama

ALFREDO MARQUES

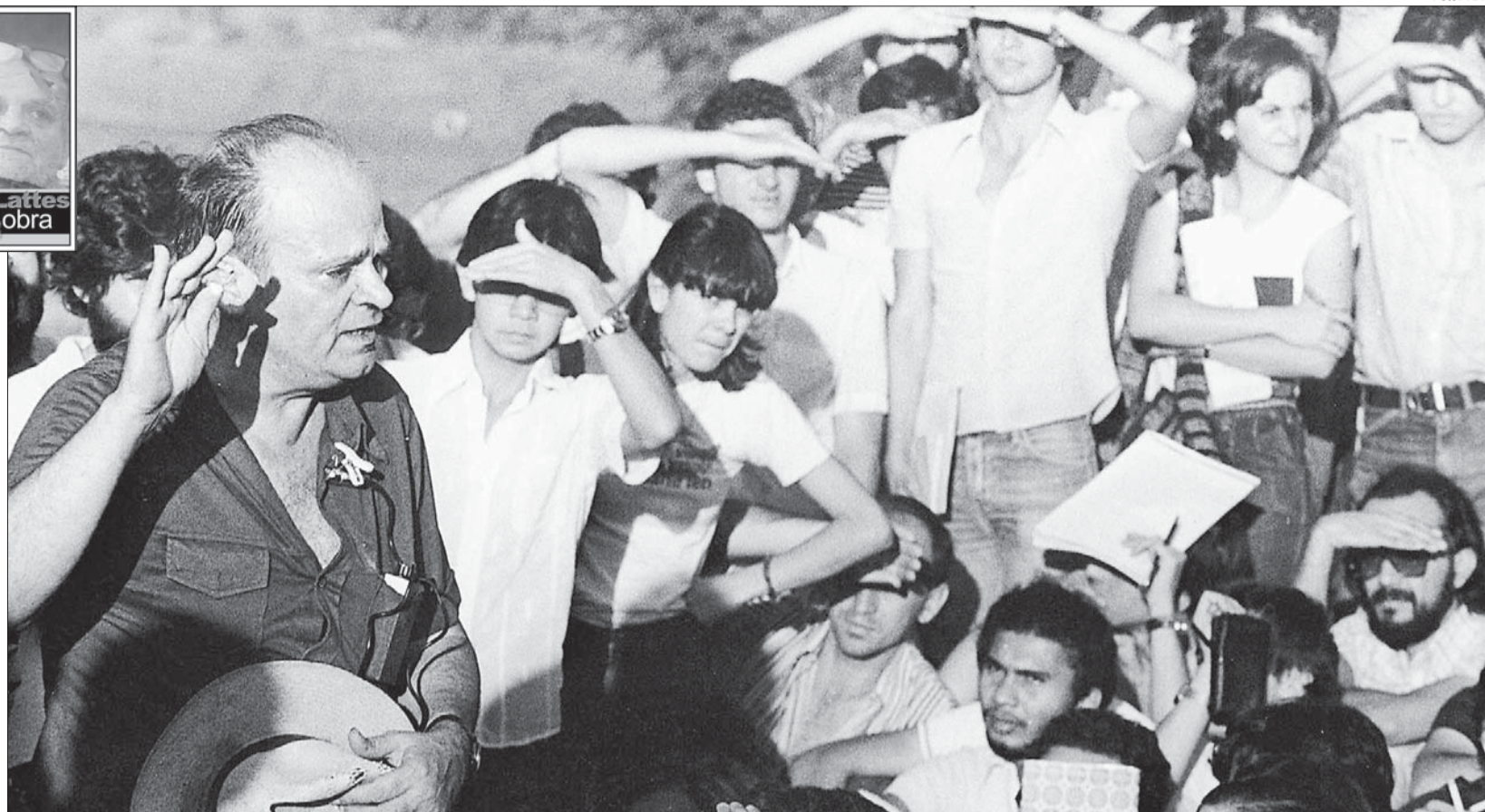
O Brasil despertou mais pobre dia 8 de março de 2005. Todos perdemos, familiares, amigos, estudantes, professores, a ciência brasileira. Faleceu Cesar Lattes.

Seus trabalhos pioneiros na edificação da ciência no Brasil e no mundo têm sido alvo de numerosas atenções; aqui nos limitaremos a focalizar traços complementares de sua figura humana, nem sempre ao alcance da maioria dos brasileiros.

Cesar Lattes foi um homem simples, despojado de vaidades, linear, muito autêntico em suas ações e devoções, que arrastava consigo o ônus de uma fama imensa. A convivência do homem simples com a visão quase mitológica que muitos faziam dele nem sempre foi fácil. Lattes se sentia inicialmente desconcertado, confuso e finalmente reagia energicamente diante de qualquer interlocutor que tentasse trazer ao diálogo, sob forma de destaque, seus louros, seus feitos, seus méritos.

No curso de sua vida desenvolveu formas de convivência que viessem facilitar a conciliação entre sua natureza simples e o tratamento que muitos dispensavam, movidos por sua enorme reputação científica. Quase sempre tomava a iniciativa do diálogo e usava uma retórica com elementos provocativos para dirigir-se ao interlocutor, com o propósito de que aceitasse o diálogo nesses termos e com isso se criasse um clima de maior intimidade e espontaneidade. O resultado, entretanto, nem sempre era o esperado, sobretudo com os contatos e pessoas mais formais, o que lhe rendeu alguns desafetos. Fora disso adorava conversar e, com a sólida cultura que tinha, na física e fora dela, fez com que muita gente esquecesse o final do expediente para ouvir histórias sempre muito ricas de ensinamento e informação.

Lattes era um excepcional orador, para isso usando seus méritos de contador de histórias. Dirigia-se a um auditório como se estivesse falando a cada um, com vocabulário coloquial, intimista, inserindo no



Cesar Lattes fala a alunos da Unicamp no início da década de 80: orador excepcional e contador de histórias, cientista arrebatava a platéia



Lattes (à esquerda) ouve discurso de Alfredo Marques em solenidade no CBPF: 50 anos de convivência

discurso, à margem da locução principal, referências cheias de humor e saber retiradas do Velho Testamento, do folclore brasileiro, judeu ou árabe, mantendo a platéia atenta e gratificada ao longo de toda a palestra. Quando Lattes falava, fosse numa festa de formatura, num seminário ou agradecendo alguma homenagem os auditórios ficavam repletos não por conta da celebridade quealaria mas pelo seu talento oratório.

Lattes sempre fez sérias críticas à “modernização” enquanto fator de superação do subdesenvolvimento. Segundo ele, a modernização em si apenas substitui velhos vínculos de subdesenvolvimento por novos, perpetuando as carências. Em sua vida de professor e pesquisador sempre deu preferência às soluções caseiras dos problemas, recorrendo às elaboradas apenas quando aquelas se demonstrassem esgotadas. Achava que

as medidas de modernização apenas poderiam preencher sua finalidade de combate ao subdesenvolvimento se inseridas num quadro de educação universal de qualidade. Com respeito a esse tema pensava que a educação de qualidade para poucos é tão censurável quanto a educação de má qualidade para muitos: a primeira beneficia e consolida a aristocracia, a segunda, a ignorância.

Lattes foi homem devotado à física vinte e quatro horas por dia. Parte desse mérito o deve à sua esposa, dona Martha Siqueira Neto Lattes, que o aliviou do ônus das atenções a tantos problemas do cotidiano que não o teriam permitido dar-se a tal dedicação. D. Martha foi mãe de quatro filhas e entre suas ocupações daí decorrentes foi companheira excepcional inspirando confiança, segurança e esperança mesmo nas situações mais adversas. Pessoa intelligen-

te, afetuosa e sobretudo amiga, D. Martha teve papel muito importante na vida de Lattes. Durante o velório que precedeu seu sepultamento há cerca de três anos, aproximei-me de Lattes para lhe dar uma palavra de consolo e dele ouvi solene declaração: “minha vida acabou”. De fato, após o falecimento de Martha, a saúde de Lattes, antes aparentemente inexpugnável, começou a sofrer regulares abalos, primeiro revelando problemas cardíacos, depois pulmonares, depois outros que se acumularam e o vieram levar ao óbito dia 8 passado.

Guardo de ambos afetuosa lembrança e dolorosa saudade de mais de cinquenta anos de convivência.

Como brasileiro, sinto-me órfão.

Pesquisador aposentado do MCT, Alfredo Marques foi professor visitante do Instituto de Física Gleb Wathagin (IFGW) da Unicamp no período 1977 – 1983.

O ‘boy wonder’ volta à USP em 1960

IGOR PACCA

No final da década de 1950, o professor Lattes vivia no Rio de Janeiro, trabalhando no CBPF e na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, depois UFRJ. Em 1960, atendendo a convite do professor Mário Schenberg e dos professores Walter Schutzer e José Goldemberg, Lattes voltou para a USP, assumindo a regência da cátedra de Física Superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Trouxe do Rio de Janeiro o professor Eugênio Lerner e tratou de completar uma equipe, pois havia muito que fazer: havia urgência na instalação de laboratório para processamento e análise de emulsões nucleares, recebia a Disciplina de Física Superior (depois Estrutura da Matéria) com a necessidade de dar as aulas teóricas, além de montar novo laboratório didático na Cidade Universitária, para substituir o antigo, que funcionou em casarão na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio.

Muitos passaram pela equipe, mas ficaram por mais tempo Celso Orsini, Emico Okuno, Marília Cruz, Teresa Borello e Igor Pacca. Estes pesquisadores, com a orientação de Lattes, mergulharam nos vários aspectos do trabalho com emulsões nucleares. O primeiro grande projeto foi a análise de parte de um bloco de 80 litros de emulsões, exposto por balão, solto de porta-aviões, no Caribe, em janeiro de 1960. Era um grande projeto internacional (ICEF – International Cooperative Emulsion Flight), que havia sido idealizado pelo professor Marcel

Schein, da Universidade de Chicago, com quem Lattes havia trabalhado.

Lattes recebeu parte das emulsões, o que resultou em grande trabalho para pesquisadores e microscopistas, encontrando e seguindo as interações de alta energia nas emulsões. O professor Schein faleceu logo no início e foi substituído na coordenação do programa por jovem pesquisador japonês que trabalhava com ele em Chicago: o professor Masatoshi Koshiba, agraciado com recente Prêmio Nobel por seu trabalho com neutrinos. O programa ICEF teve sucesso e os resultados foram publicados em suplemento especial do Il Nuovo Cimento, em 1963.

Em 1961, estive com Lattes na Conferência de Raios Cósmicos em Kyoto, Japão. Lattes continuou negociações que haviam sido iniciadas com carta do professor Hideki Yukawa para ele, em 1959, propondo programa de colaboração para o estudo de interações nucleares de alta energia, utilizando câmaras de emulsões nucleares e chumbo que seriam expostas no Laboratório de Física Cósmica de Chacaltaya, na Bolívia. Laboratório que havia sido construído em 1951, com grande esforço de Lattes e outros pesquisadores do CBPF.

Já em 1962, chegavam a São Paulo os primeiros pesquisadores japoneses: Yoichi Fujimoto e Kei Yokoi. Vieram também as placas de emulsões, chapas de raios-X e houve um grande esforço para adquirir e transportar para La Paz o material necessário, por avião comercial ou do Correio Aéreo Nacional, trem e caminhão. Chegamos a “exportar” chumbo para



O professor Mário Schenberg (à direita), com Martha e Cesar Lattes, em 1948: convite para o retorno à USP

ra a Bolívia.

Até 1967, mais de dez câmaras de emulsões foram instaladas e desmontadas em Chacaltaya, trazidas para São Paulo, reveladas, processadas e analisadas ao microscópio. Muitos resultados deste programa foram publicados ainda com o grupo em São

Paulo, como em Il Nuovo Cimento (1963) 28, 614-620; Il Nuovo Cimento (1964) 33, 680-701; Progr. Theoretical Phys. Suppl. (1965) 33, 109-133.

Lattes regia a Cátedra de Física Superior interinamente e pediu que o cargo fosse posto em concurso. Ineficazmente, como já havia ocorrido em

concurso anterior, para a Cátedra de Física Nuclear da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1962, ele também não compareceu a este concurso, para a Cátedra de Física Superior da FFCL/USP. Foi uma grande frustração para todos; o grupo havia trabalhado muito para ajudar o Lattes a preparar a tese, que nunca considerava pronta, e eu mesmo levei os documentos e teses para a inscrição na FFCL/USP. Sobreveio uma grande crise, que passou com sua ida para a Unicamp, a convite do professor Marcelo Damy de Souza Santos.

Minha convivência com o professor Lattes foi muito enriquecedora, embora sujeita a sobressaltos e aos inesperados que sempre ocorriam, naturais para quem o conheceu. Viajei com ele para o Japão, Estados Unidos, Bolívia e para a Itália, onde, em Vigevano, conheci seus simpáticos tios, irmãos de sua mãe, sempre muito atenciosos com ele e preocupados com seu bem-estar. Em Berkeley, estive com ele, em 1961, na casa do professor Walter Barkas, que era o responsável pelo grupo de emulsões, iniciado por Lattes. Barkas falava com muita admiração do tempo que Lattes passou nos Estados Unidos, no final da década de 1940. Disse-me que Lattes era considerado por todos como o “boy wonder”.

Igor I. Gil Pacca é graduado e doutorado em Física pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Em 1972, já trabalhando em Geofísica, passou a integrar o recém-criado Instituto Astronômico e Geofísico (IAG) da USP, onde foi o primeiro chefe do Departamento de Geofísica, implantando os primeiros grupos de pesquisa e chegando a professor titular e diretor do Instituto.